

REFLEXÃO SOBRE A PALAVRA

Luciana Montes Arruda

Colégio Pedro II

INTRODUÇÃO

Em nosso país, a história dos povos negros vindos do continente africano foi vastamente documentada por sua condição de escravizada. Na literatura o que predominava era a ideia do negro, em primeira esfera, como mercadoria. No âmbito da cultura, os povos africanos foram interpretados como exóticos, pois muito do que se quis atribuir a sua beleza necessitava de uma justificativa para fugir dos padrões europeus estabelecidos. Ao movimento negro, coube travar inúmeras lutas sociais após a abolição. A ideia criada no período colonial de dificultar às populações afro-brasileiras o direito à igualdade ocasionou impactos na vida social, tanto no mercado de trabalho e esfera educativa.

Primeiramente pela própria ideia que os europeus tinham das populações escravizadas, aliado às condições desfavoráveis da época. Os colonizadores desproviavam dos africanos a capacidade de pensar em seu modelo de vida fora da organização social- política, econômica, jurídica e ideológica. As relações sociais eram atribuídas pela vontade do senhor de escravo, fazendo assim, uma “coisificação social”, no sentido de que a violência exercida pelo sistema escravista fosse legítima para o bem da colônia. Isso possibilitou fazer com que os negros concebessem a ideia de si mesmos como não humanos, como criaturas inferiores, como “coisas”, daí a denominação “teoria do escravo-coisa”.

Essas concepções persistiram nas relações seguintes mesmo após a abolição o que não resultou na incorporação efetiva da população negra no mercado industrial de trabalho. A presença de termos na forma de estereótipos no código penal colonial permitiu a discriminação e o racismo as populações libertas. Os indígenas, negros, mestiços que conseguissem a liberdade, não ocupavam cargos de confiança ou honra, sob a alegação de não possuírem tradição católica ou títulos de nobreza. Muitas justificativas qualificadas eram de natureza teológica e social.

Tais elementos perpetuaram-se, operando de forma hierárquica entre brancos e negros, introduzindo assim uma nova ordem social, onde a preferência dada aos brancos na obtenção de emprego em uma sociedade discriminatória. Uma trova popular, ainda comum em Belém do Pará,

elucida bem a ideia vigente na colônia, ideologia esta que explicita os princípios da igreja católica, reinantes na sociedade europeia da época .

*“Branco nasceu para o mando,
O negro pra trabalhar.
Quando o negro não trabalha,
Do branco deve apanhar” .*

Ainda que a educação fosse a única alternativa contra o sistema estabelecido, esta permaneceu apenas na esfera do desejo, pois as populações negras estavam submetidas a desvantagens ocupacionais e habitacionais. Luiz Gonçalves e Petronilha Silva (2000, p. 135) argumentam que, ainda no período colonial:

[...] os africanos escravizados estavam impedidos de aprender a ler e escrever, de cursar escolas quando estas existiam, embora a alguns fosse concedido a alto preço, o privilégio, se fossem escravos em fazendas de jesuítas.

Tais fatores foram determinantes para a manutenção de estratos educacionais mais baixos. Ao longo da história, esses indicadores impactaram diretamente no incremento da pobreza acentuando a discriminação racial para as populações negras.

Portanto, a situação dos povos afrodescendente explica-se na interseção entre o domínio étnico-racial e a estruturação de uma sociedade de classes. Esse entendimento é recente e ganhou destaque nos estudos acadêmicos somente após a segunda metade do século XX. A busca por um processo de redemocratização marca uma mudança significativa no tratamento da questão étnico-racial negra com o ressurgimento de reivindicações a partir de um movimento negro organizado oriundo dos centros urbanos do país. Nesse período surgiram estudos que questionavam o problema e sua associação entre a escravidão e o preconceito como legado histórico.

A discriminação como conhecemos hoje é responsável por um contingente significativo de desigualdades entre negros e brancos que resultam também em diferenças sociais. Tais elementos surgem como consequência de processos discriminatórios não só do passado, mas de um fenômeno ativo presente que legitima cotidianamente procedimentos e estereótipos. A permanência de altos índices de exclusão das populações negras compromete a evolução de uma sociedade justa e democrática. Para promover um modelo de desenvolvimento no qual a diversidade esteja presente

nas relações sociais, faz-se necessário entender a desigualdade racial no Brasil e suas concepções, analisando assim quais situações promovem a perpetuação de estigmas discriminatórios.

O presente trabalho trata-se de uma atividade de pesquisa realizada com os alunos da escola SESI de Jacarepaguá para a Feira Cultural de 2018 a qual abordava a seguinte temática: MAMA África: Valorização da Influência Africana na Construção da Cultura Brasileira. A ação propunha analisar as origens de expressões que permeiam nosso vocabulário e que de certo modo promovem a aceitação de práticas preconceituosas de cunho racial.

METODOLOGIA

Todos os falantes de uma língua possuem um vocabulário internalizado. Isso significa que esses todos nós guardamos algumas palavras e expressões subjacentes, mesmo não sendo de forma consciente. As crianças durante a aquisição da fala e ao longo da sua educação social tomam essas expressões frequentemente utilizadas. Isso é facilmente verificável. Quem nunca ouviu “negra de traços finos”, “cabelo duro” ou “amanhã é dia de branco”? Pode não parecer, mas muitas crianças de forma inconsciente agregam a sua fala vocabulários de uso comum. Ao aprender a ler e escrever, o uso da língua falada amplia-se, pois os alunos desde cedo percebem que a língua falada não é necessariamente a mesma que se escreve.

Cabe a escola tornar consciente parte dessa “língua falada”, levando os alunos a identificar os mecanismos que regem a organização da língua, tornando-os capazes de transformar palavras com sentidos depreciativos em expressões cheias de significados positivos. O presente trabalho chama atenção para situações em que seja necessário refletir sobre o uso de determinada construção linguística. Do mesmo modo a serem propostas atividades que analisem ditos populares. As atividades de pesquisa linguística têm como objetivo principal melhorar a capacidade de compreensão e expressão dos alunos de modo que reflitam para as questões de negação da contribuição das matrizes africanas.

Portanto, a reflexão sobre a língua falada durante a pesquisa propunha desenvolver no aluno, além de um repertório maior de opções linguísticas, a capacidade de compreensão textual. Nas atividades de pesquisa de expressões comuns, a reflexão linguística será lembrada sempre que o aluno perceber por si ou for convidado a selecionar melhores maneiras de se expressar, escolhendo palavras, expressões e estruturas.

Proposta de trabalho:

Os alunos do quinto ano do ensino fundamental da primeira etapa da Escola de Jacarepaguá foram convidados para uma pesquisa de observação. Como tarefa de casa, o grupo teria que descrever a representatividade de pessoas negras nos meios de comunicação e que papéis elas ocupavam. De imediato as crianças perceberam a pouca representatividade de atores, apresentadores e representantes negros. Formulamos hipóteses para responder a observação feita. Muitos associaram a relação a um padrão estético inexistente para do que se conhece sobre a sociedade brasileira. Se o Brasil é o país com a maior população negra fora da África, onde se encontra essa representatividade nos meios de comunicação?

Em um segundo momento, os alunos foram convidados a assistir uma pesquisa retirada do documentário o Teste das bonecas da CNN, realizado pela primeira vez em 1939 pelo psicólogo afro-americano Kenneth Clark. O teste consistia em exibir bonecas brancas e negras para um grupo de crianças e pedia-se que atribuíssem determinadas características às bonecas: bonita, feia, boa e má. Foi constatado que 63% das crianças escolheram a boneca branca como a bonita e boa e a negra como feia e má. Aos alunos, objeto deste presente trabalho, a reação das crianças retratadas foi motivo de revolta e indignação ainda que muitos ali presentes admitissem não ter o conhecer uma boneca negra. Na busca por respostas, pesquisamos sobre a história da chegada dos primeiros africanos. Analisamos como era a constituição das sociedades africanas antes da chegada dos europeus para fins de tráfico humano. Através dessas análises foi possível perceber o quão grande e valiosa é a cultura africana, tão negligenciada nos filmes e televisões.

As discussões em sala promoveram um alerta para o tema proposto. De que forma perpetuamos e atuamos sobre esse tema. Relacionamos a falta de referência a situações. Da mesma maneira que nossa pesquisa mostrou a falta de atuação de profissionais negros. Percebemos que esse também é o reflexo da falta de oportunidade nos postos de trabalho. Os alunos relataram situações presenciadas ou falas de conhecidos com alguma situação de preconceito. Analisamos o significado da palavra em nossas ações. E a fala, pode agregar valores ou desvalores?

Resultados e Discussão

Após a análise da origem das expressões e a descoberta de seus significados, os alunos puderam retomar a capacidade de reflexão e a argumentação diante de paradigmas linguísticos. A partir das ideias suscitadas pelo projeto, algumas questões levaram os educandos a transferir situações para a sua realidade concreta, reposicionando-se diante delas. Esperamos desta forma, desenvolver certas operações de valores e comportamentos. Desenvolvendo assim a capacidade de particularizar ideias ouvindo e respeitando opiniões alheias. Possibilitando situar uma discussão pública selecionando uma variedade linguística mais adequada a cada situação.

Como resultado final do trabalho os alunos apresentaram na Feira de Ideias de 2018 o Trabalho Reflexão sobre a Palavra que tinha como objetivo promover a análise de expressões de origem preconceituosa em nossa sociedade. Tivemos como público alvo a comunidade local e familiar dos alunos. Em nossa apresentação mostramos a análise feita de expressões cotidianas de conotação racista. Promovemos a reflexão dos alunos/ pais diante da interpretação de tais expressões. Refletimos sobre o uso inconsciente de falas impensadas depreciativas à população negra. Promovemos a ressignificação de tais trechos e convidamos os participantes para a construção de novas expressões. Ampliamos o vocabulário dos alunos para o uso de expressões comuns. Refletindo assim sobre a perpetuação dos estigmas diante do nosso vocabulário.

CONCLUSÕES

A aprendizagem é um processo constante que dura a vida inteira. Tem início, portanto, muito antes de a criança entrar na escola. Quando começa a aprendizagem formal, escolar, a criança, já traz uma bagagem de conhecimentos que adquiriu no seu dia-a-dia. Desta forma, analisando a importância da promoção e do ensino das relações étnico-raciais nas escolas, percebe-se que o tema é pouco discutido tendo em vista a grande problemática racial no Brasil.

É comum pensar que crianças pequenas não apresentam preconceito ou não discriminam as outras devido às características físicas. Através da experiência aqui documentada é constatado que desde o nascimento absorvemos conceitos difundidos na sociedade. A seleção do que atribuímos beleza ou não interfere na construção das relações sociais. As crianças pautadas em conceitos impostos passam a selecionar seus pares, difundindo vários discursos que interferem em nosso cotidiano.

O que se pode analisar é que desde o nascimento absorvemos os conceitos difundidos na sociedade. A seleção do que imaginamos como “feio ou bonito” começa a interferir na construção das relações sociais desde muito cedo. Como o conceito predominante de beleza é o da cultura europeia, as crianças começam a classificar seus pares por estes conceitos difundidos nos vários discursos que se interferem em nosso dia-a-dia. O Brasil apresenta a maior população negra fora do continente africano, e mesmo diante deste dado expressivo, as pessoas não brancas se veem inferiores devido à falta de referencia e perpetuação de estigmas.

Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (Gema), da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), mostram que, de 2002 a 2014, homens brancos dominaram o elenco principal das 20 maiores bilheterias no cinema de cada ano. Ao todo, eles representam 45% dos papéis mais relevantes. Depois vêm mulheres brancas (35%), homens negros (15%) e, por último, mulheres negras (apenas 5%). Em 2002, 2008 e 2013, simplesmente nenhum filme analisado pelos pesquisadores foi protagonizado por uma mulher negra. A continuação seguem os gráficos obtidos a partir da pesquisa realizada por Gabriela Morateli e Marcia Candido:



A PESQUISA

Foram analisados os filmes de maior bilheteria no país entre 2002 e 2012 para averiguar como a diversidade de cor e identidade de gênero se manifesta*.



Há diversidade no processo de criação dos filmes?

* A lista de filmes mais vistos entre 2002 e 2012 foi obtida no site da Ancine – Agência Nacional do Cinema. O recorte estabelecido contemplou os 20 filmes com maior bilheteria de cada ano, totalizando 218 objetos para análise [O ano de 2008 trouxe uma relação de apenas 18 filmes]. A análise aqui estabelecida buscou discorrer sobre as funções que atraem maior atenção dentro do mundo do cinema, qual sejam: direção, roteiro e interpretação. Cada uma foi classificada a partir dos seguintes critérios: identidade de gênero, cor e faixa etária dos indivíduos.

DIREÇÃO

COR E IDENTIDADE DE GÊNERO

84%

dos diretores são do gênero masculino de cor branca

13%

dos diretores são do gênero feminino de cor branca

2%

dos diretores são do gênero masculino e negros

NENHUMA DAS DIRETORAS É NEGRA



Total de diretores analisados: 226

ATORES E ATRIZES

são do gênero masculino



59%

41%



são do gênero feminino



80%

do elenco dos filmes de maior bilheteria é de cor branca

IDENTIDADE DE GÊNERO E COR

44%

são homens brancos

14%

são homens negros

36%

são mulheres brancas

4%

são mulheres negras

Total de atrizes/atores analisados: 939

O mercado voltado para a mídia e de outros setores de trabalho é permeado de racismo, o que produz uma exclusão severa das populações negras das ocupações de melhor remuneração.

Deste modo, concluímos que na busca por uma democracia racial a lei 10.634/03 que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas é de suma importância diante dos fatores aqui apontados. Essa ação tem como objetivo desconstruir o preconceito étnico-racial no âmbito do espaço escolar. Tendo em vista o contexto da escravidão do negro no Brasil, o pós-abolição e as lutas contra o racismo que advém do período colonial fazendo-se necessário um esforço para combatê-lo em suas múltiplas formas de expressão. O documento valoriza e reconhece a diversidade étnico-racial na educação brasileira a partir de um enfrentamento estratégico contra culturas e práticas discriminatórias que excluem e penalizam crianças, jovens e adultos negros, comprometendo a garantia do direito a educação de qualidade. Mesmo em meio às dificuldades para sua aplicação, a lei se faz necessária para a construção de novas relações sociais. É fato que somente esta iniciativa não irá mudar a realidade do país, mas pode ressignificar muitas ações dentro do espaço escolar.

REFERÊNCIAS

MARIA LUIZA TUCCI CARNEIRO, O racismo na história do Brasil, São Paulo, Editora Ática, 2002, p. 15

CARNEIRO ,MARIA LUIZA, O racismo na história do Brasil, op. cit. p. 11.

CRISTIANE COPQUE DA CRUZ: “INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS AFRICANOS NA ESCOLA: trajetórias de uma luta histórica”. (Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. Orientadora: Profª Dra. Joseania Miranda Freitas).Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2008. <http://www.ibamendes.com/2011/02/as-relacoes-entre-educacao-e-escravidao.html>

<https://www.geledes.org.br/importancia-da-lei-10-639-para-erradicacao-racismo/>

Vanda Maria Ferreira, no, [Bancários Rio](#)

https://franfreire.wordpress.com/2017/10/16/estudo-da-importancia-da-insercao-da-lei-10-6392003-no-ensino-infantil/#_Toc462418767

<http://gema.iesp.uerj.br/infografico/infografico1/>